

# Carta do Seguro

AGOSTO DE 2017 • ANO 2 • Nº. 9

Este boletim é uma publicação da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização – CNseg.

## ENTREVISTA

### Investimentos em tecnologia e boas condições climáticas propiciaram safra recorde

**João Martins da Silva Junior**

Presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

A agricultura tem puxado a discreta recuperação da economia este ano. O presidente da CNA, João Martins da Silva Junior, atribui os expressivos resultados do setor aos investimentos em tecnologia e às condições climáticas favoráveis.

**1. No primeiro trimestre deste ano, em que o PIB avançou 1% sobre o trimestre anterior, a agricultura foi de longe o setor que mais cresceu (13,4%); em relação a igual período de 2016, o avanço foi de 15,2%. O que explica tal desempenho?**

O desempenho positivo da agropecuária se deve ao trabalho dos produtores rurais em todo o país. Mesmo diante de uma crise econômica e política tão severa, eles investiram em tecnologia. Ao contrário do ano anterior, quando a safra foi prejudicada pelo El Niño, a safra 2016/17 superou a melhor das expectativas, incrementando perto de 50 milhões de toneladas. Apesar de os preços da maioria dos produtos agropecuários estarem mais baixos, a produtividade segue em alta. Até o setor das carnes, que teve dificuldades devido à Operação Carne Fraca, já começa a dar sinais de melhora. Temos certeza de que o setor continuará ajudando o país a sair da crise, contribuindo para o aumento do PIB, a geração de empregos e a redução da inflação.

**2. No segundo trimestre, o número de trabalhadores empregados na agricultura caiu 8,1% em relação a igual período de 2016. É possível reverter a queda agora no segundo semestre?**

Os dados da abertura de vagas para o semestre já demonstram uma recuperação robusta. No primeiro semestre, a agropecuária abriu 117 mil vagas. Foi o setor que mais contratou, refletindo os bons resultados da agricultura, com destaque para as culturas do café e da laranja. Diante de uma safra tão positiva, o setor contratou para conseguir manter, colher, escoar e armazenar a produção. A queda comparada ao ano passado mostra que o setor não está imune à crise. Também sentimos seus efeitos, mas em menor proporção que os outros setores. Acreditamos que o setor seguirá com o saldo positivo na abertura de vagas. A consolidação dessa melhora na geração de empregos dependerá muito da velocidade da retomada do crescimento.

**3. Qual a estimativa da CNA para a safra agrícola de 2017? Quais os destaques?**

A safra 2016/17 está chegando ao final com excelente produtividade em praticamente todos os Estados produtores. Isso se deve ao fato de o produtor ter plantado na época certa, a investimentos em tecnologia e às condições climáticas favoráveis. Essa soma de fatores contribuiu para que a safra crescesse cerca de 26% em relação à anterior, alcançando 236 milhões de toneladas, novo recorde nacional. A soja e o milho são as culturas que mais contribuíram para esse recorde. A produção de soja aumentou 19,4% frente à safra passada; a de milho, 44,3%. Temos a convicção de que a produtividade obtida em 2016/17 deverá tornar-se referência nas próximas safras.

## EDITORIAL

**Marcio Serôa de Araujo Coriolano**

Presidente da CNseg



**1º semestre consolida redução de ritmo nominal, para 3,5%**

Tendo apresentado arrecadação de R\$ 117,9 bilhões (exceto saúde), o crescimento do mercado de seguros no semestre, contra igual período de 2016, foi de 3,5%. Descontando o DPVAT, cujo prêmio foi reduzido neste ano por norma do CNSP, a evolução alcançou 5,3%.

O resultado decepciona, influenciado pelo comportamento do 2º trimestre (-5,3%), que reverteu tendência do trimestre anterior (14,0%).

Alinhando as taxas dos ramos do mercado com maior peso absoluto, os desempenhos abaixo da média, semestre contra igual semestre, foram: Capitalização (-4,7%); Grandes Riscos (-1,9%); Transportes (0,6%); Garantia Estendida (1,5%); Marítimos e Aeronáuticos (-23,1%).

Já as maiores taxas, também pela ordem dos ramos de maior contribuição absoluta, assim se apresentaram: Automóveis (5,8%); PGBL (12,7%); Vida Coletiva (7,2%); Vida Individual (26%); Habitacional (11,7%); Crédito e Garantias (29,3%); Vida Risco Tradicional (19,1%); e Rural (17,7%).

Contrastando com a recuperação do ramo de Automóveis, os Planos de Acumulação VGBL diminuíram seu ritmo de crescimento, agora mostrando evolução de 4,3%, após taxas superlativas em 2016 e no primeiro trimestre deste ano.

A sinistralidade geral não sofreu agravamento significativo. As provisões técnicas do setor permaneceram superando muito o crescimento da arrecadação, alcançando 17,3% e encerrando junho com montante de R\$ 840,8 bilhões.

Todas as atenções agora se voltam para o comportamento do 3º trimestre, na esteira dos fundamentos da economia do País.

Boa leitura!

por Lauro Faria

Economista da Escola Nacional de Seguros

No primeiro semestre de 2017, os produtos de seguros, previdência complementar aberta e capitalização, regulados pela Susep, tiveram arrecadação de R\$ 117,9 bilhões, 3,5% acima do ocorrido no mesmo período de 2016 e abaixo da inflação do IPCA no período (4,2%). Fato inverso ocorreu no acumulado de janeiro a maio de 2017, quando o total arrecadado pelo mercado cresceu 7% frente ao mesmo período do ano anterior, superando nitidamente a inflação.

A razão de tamanha desaceleração prende-se à forte queda dos aportes aos planos de acumulação verificada em junho passado: no VGBL, a queda foi de 4,8% em comparação com o mês anterior; no PGBL, queda de 13,6% e nos planos tradicionais, queda de 6,2%. Como representam quase metade da arrecadação total do mercado, o efeito estatístico é forte e imediato. A redução desses aportes reflete a reação dos poupadore ante a perda de rentabilidade dos citados planos em razão da redução das taxas de juros, Selic à frente.

No restante do mercado, entretanto, manteve-se a tendência de crescimento moderado que vem ocorrendo desde o início do ano em linha com a recuperação da economia em geral. Os prêmios diretos das coberturas de risco de seguros de pessoas aumentaram 11% no semestre, comparado ao mesmo semestre de 2016, com destaque para os ramos Prestamista (21,1%) e Viagem (52,9%). Já os prêmios de seguros de vida tiveram crescimento de 5,2%, portanto, pouco acima da inflação.

Nos Ramos Elementares (seguros de Responsabilidades e Patrimônios) a receita de prêmios ficou estável no semestre relativamente a igual período de 2016. Isso ocorreu, principalmente, devido à diminuição de 30,9% nos prêmios do DPVAT, decidida administrativamente pelo CNSP. Fazendo o cálculo sem o DPVAT, os prêmios de Ramos Elementares cresceram 6,0%. No lado positivo, destacaram-se os desempenhos dos seguros Habitacionais (+11,7%), de Crédito e Garantias (+29,3%) e Rurais (+17,7%).

A arrecadação do principal ramo do grupo – os seguros de Automóveis – foi de R\$ 16,2 bilhões, o que significou expansão de 5,8%. Esse fato reflete a recuperação das vendas no varejo de veículos, motos, partes e peças, que, segundo o IBGE, tiveram na série dessazonalizada expansão real de 2,2% entre janeiro/junho de 2017 e agosto/dezembro de 2016. Nessa mesma base de comparação, também o IBC-Br (que é uma aproximação do PIB) mostrou, na série dessazonalizada, crescimento real de 1%, fato que não ocorria desde fins de 2014.

A arrecadação com a venda de títulos de capitalização totalizou R\$ 9,7 bilhões no primeiro semestre de 2017, com variação negativa de 4,7% em comparação com idêntico semestre de 2016.

No que se refere aos seguros e planos de saúde suplementar, os últimos dados da ANS e relativos ao primeiro trimestre de 2017 mostram receita de contraprestações de R\$ 42,9 bilhões, 10,3% acima do volume de igual período de 2016. Trata-se de crescimento significativamente acima da inflação e que reflete o forte aumento de custos setoriais, uma vez que a população coberta tem sofrido redução. A sinistralidade agregada do setor manteve-se elevada, de 80%, nessa base de comparação.

A sinistralidade agregada do mercado de seguros (exceto produtos de acumulação) supervisionado pela Susep caiu de 49,2% em jan./jun. 2016 para 46,3% em jan./jun. 2017, mostrando continuação do esforço de ajuste técnico das seguradoras para enfrentamento da conjuntura de baixo crescimento da renda e queda da taxa de juros. O índice de despesas de comercialização se elevou de 22,6% para 24,1% no mesmo período.

Refletindo as dificuldades da conjuntura atual, as despesas administrativas das seguradoras tiveram crescimento de apenas 2,1% entre jan./jun. 2017 e jan./jun. 2016, o resultado financeiro caiu 18,1% (devido à citada redução da taxa Selic), e o resultado patrimonial, 19,4%. Com isso, o lucro líquido agregado das seguradoras decresceu 11,1% no semestre frente a igual período de 2016, e a rentabilidade anualizada do patrimônio líquido passou de 23,8% para 20,7% nesse período.

Sendo a demanda de seguros derivada da aquisição de bens, serviços e patrimônios que os agentes econômicos entendem ser necessário proteger dos azares da vida, a manutenção do cenário de recuperação do mercado de seguros no resto de 2017 e em 2018 depende do que se vai passar na economia em geral nesse período.

## ANÁLISE CONJUNTURAL

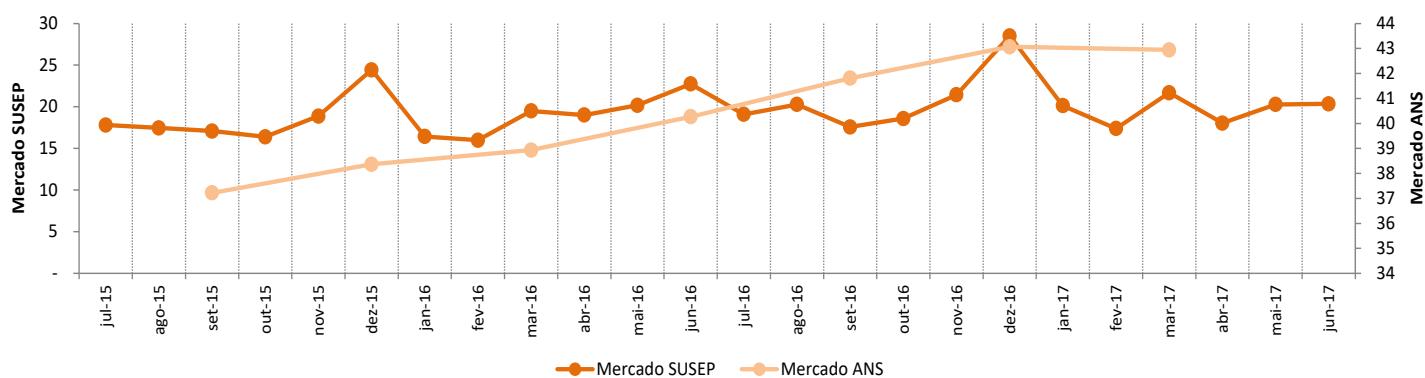
Nesse particular, diversamente do que passaram a acreditar certos analistas, não há como descolar a política econômica da crise política e, por conseguinte, aquela da economia em geral. Notemos que os especialistas consultados pelo Banco Central ajustaram para baixo suas expectativas de produção: conforme o Boletim Focus, no início do ano, as medianas das projeções para a variação do PIB e da produção industrial no acumulado de 2017 eram de 0,5% e 1%, respectivamente; atualmente (boletim datado de 04/08/17), caíram para 0,34% e 0,81%.

E, em função da previsível demora de aprovação das reformas econômicas (em especial, da previdenciária) e da consequente piora da situação fiscal, as autoridades acenam com diminuição do ritmo de queda das taxas de juros e majoração de tributos. É certo, entretanto, que melhoraram as expectativas de inflação (tanto que o CMN reduziu a meta de inflação e o Banco Central cortou a taxa Selic para 9,25%), bem como o desempenho do setor externo da economia.

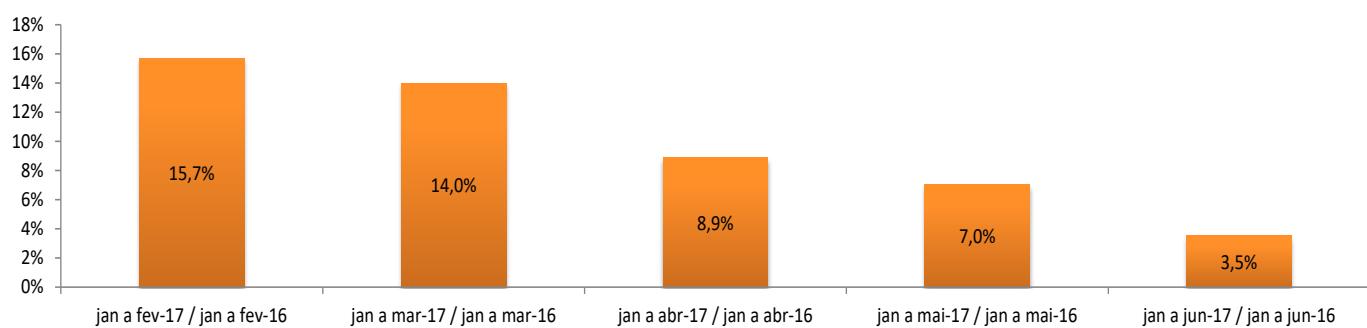
Assim, pode-se dizer cautelosamente que o mercado de seguros tende a ter um crescimento real de arrecadação moderado em 2017 e possivelmente recuperação de margens no segundo semestre, tanto pelos fatores macroeconômicos positivos que persistem (apesar da crise) como por desenvolvimentos que lhe são internos.

## DESEMPENHO DO MERCADO

ARRECADAÇÃO (R\$ bilhões)

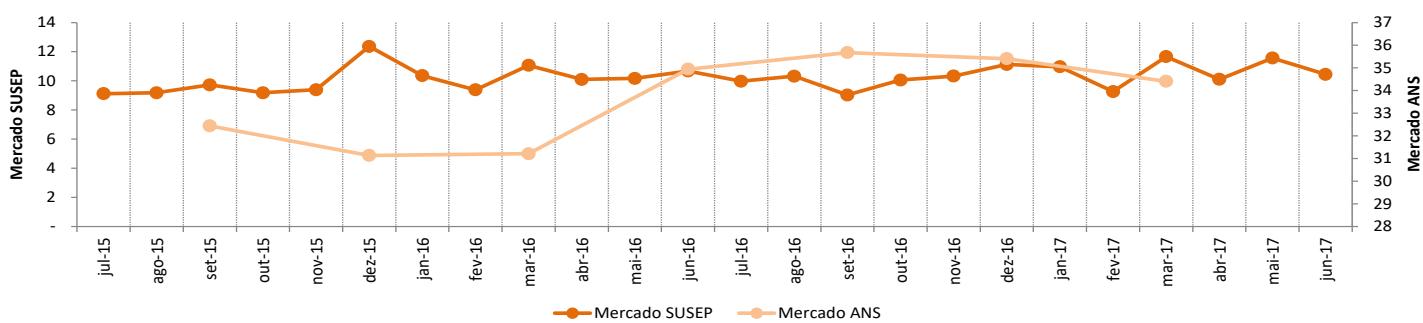


CRESCIMENTO NOMINAL DA ARRECADAÇÃO | MERCADO SUSEP (R\$ bilhões)

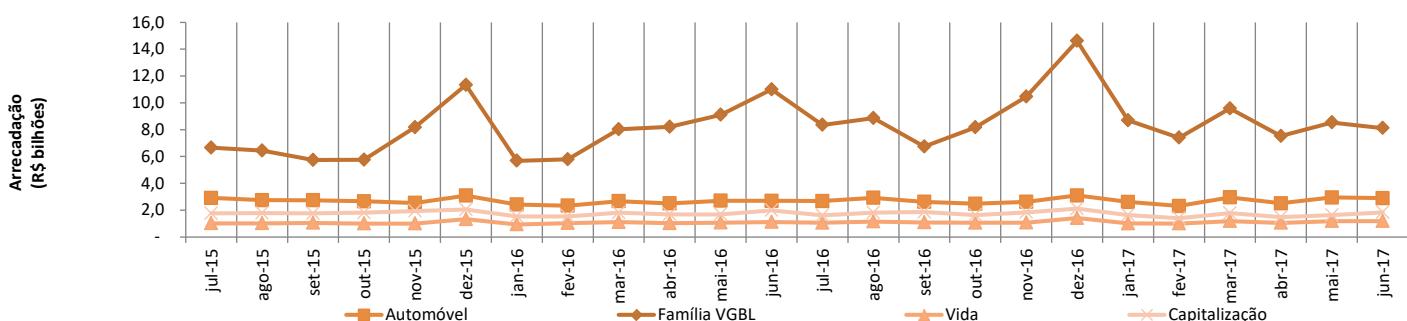


## DESEMPENHO DO MERCADO

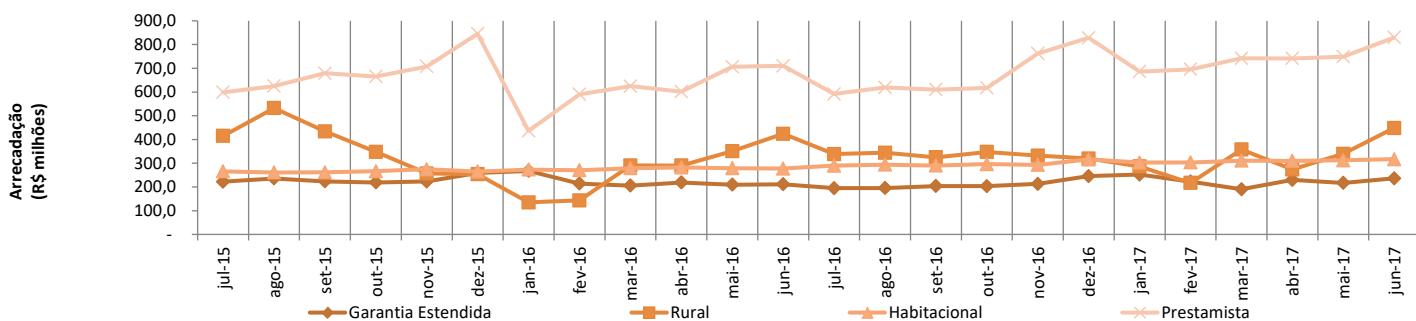
### SINISTROS, INDENIZAÇÕES, SORTEIOS, RESGATES E BENEFÍCIOS (R\$ bilhões)



### DESTAQUE: AUTOMÓVEL, FAMÍLIA VGBL, VIDA E CAPITALIZAÇÃO (R\$ bilhões)



### DESTAQUE: GARANTIA ESTENDIDA, RURAL, HABITACIONAL E PRESTAMISTA (R\$ bilhões)



Fonte: Superintendência de Estudos e Projetos (SUESP) da CNseg

**Acesse. Ouça. Compartilhe. Curta.  
Conecte-se com a CNseg!**



O Canal Seguro



@CNsegOficial